

WILLIAM P. YOUNG

autor de *A Cabana*, 4,5 milhões de livros vendidos no Brasil

A TRAVESSIA



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

ESTA HISTÓRIA É DEDICADA
AOS NOSSOS NETOS,

cada qual um reflexo singular de seus pais,
cada qual seu próprio universo inexplorado,
portadores de alegria e encanto,
que influenciam nossos corações e nossas vidas
profunda e eternamente.

Um dia, quando lerem esta história,
que ela seja uma pequena janela através da qual
vocês possam entender melhor seu avô,
seu Deus
e seu mundo!

SUMÁRIO

1	Uma tempestade se aproxima	9
2	Do pó ao pó	24
3	Era uma vez...	31
4	O lar é onde está o coração	48
5	Eis que surge um homem	59
6	Discussões acaloradas	76
7	Deixando-se levar	85
8	O que é a alma de um homem?	94
9	Alvoroço na congregação	104
10	Duas mentes	118
11	Entre dois mundos	129
12	A trama se complica	137
13	A guerra interna	150
14	Cara a cara	175
15	O templo	191
16	Uma fatia de torta	197
17	Portas trancadas	208
18	A travessia	220
19	A dádiva	222
20	Agora	234
	Nota ao leitor e agradecimentos	236

1

UMA TEMPESTADE SE APROXIMA

*O homem mais digno de pena é aquele que transforma
seus sonhos em prata e ouro.*

– Khalil Gibran

Há anos em que o inverno em Portland, no estado do Oregon, é muito rigoroso. Em sua violenta batalha contra a chegada da primavera, ele ataca com tempestades de granizo e neve, reivindicando algum direito de continuar sendo o rei das estações – no fim das contas, uma tentativa inútil. Este ano, no entanto, não foi assim. O inverno simplesmente se retirou como uma mulher derrotada, partindo de cabeça baixa com suas roupas brancas e marrons sujas e esfarrapadas, sem uma única palavra de protesto nem promessa de retorno. Mal dava para notar a diferença entre sua presença e sua ausência.

Para Anthony Spencer, não importava. O inverno era uma chateação e a primavera não ficava atrás. Se pudesse, removeria as duas estações do calendário, juntamente com a parte úmida e chuvosa do outono. Um ano de cinco meses seria o ideal, sem dúvida melhor do que aqueles longos períodos de incerteza. Todo final de primavera, Tony se questionava por que permanecia no Noroeste do país, mas a cada ano que passava ele se via fazendo a mesma pergunta. Talvez a monotonia decepcionante tivesse lá seus confortos. A ideia de uma verdadeira mudança era desanimadora. Quanto mais arraigado em seus hábitos seguros, menos inclinado ele ficava a crer que qualquer outra coisa valesse o esforço, ainda que possível. Por mais angustiante que a velha rotina fosse às vezes, ao menos ela era previsível.

Ele se recostou na cadeira e ergueu os olhos da mesa entulhada de papéis para a tela do computador. Bastava pressionar uma tecla para ter acesso ao sistema de monitoramento de suas propriedades: o apartamento no prédio bem ao lado de onde estava; seu escritório principal situado estrategicamente no centro de Portland, no meio de um arranha-céu comercial de médio porte; sua casa de praia e seu casarão em West Hills. Ficou observando a tela enquanto tamborilava incansavelmente em seu joelho com o indicador. O silêncio era total, como se o mundo estivesse prendendo a respiração. São muitas as maneiras de se estar sozinho.

Embora as pessoas que se relacionavam com Tony em ambientes sociais ou profissionais pudessem pensar o contrário, ele não era um homem alegre. Era, sem dúvida, determinado, e estava sempre em busca da próxima oportunidade. Isso muitas vezes exigia uma atitude extrovertida e sociável, sorriso largo, contato visual e aperto de mão firme, não por causa de uma admiração genuína, mas porque todos potencialmente tinham informações que poderiam ser valiosas para o sucesso de seus empreendimentos. Suas perguntas constantes faziam pressupor um interesse sincero, o que dava a seus interlocutores a impressão de que eram importantes, embora também transmitissem uma sensação de vazio. Famoso por suas iniciativas filantrópicas, Tony entendia a compaixão como um meio de alcançar objetivos mais palpáveis. O altruísmo tornava as pessoas muito mais fáceis de manipular. Depois de algumas tentativas hesitantes, ele havia concluído que amizades eram mau investimento, pois traziam lucros baixíssimos. O verdadeiro altruísmo era um luxo para o qual ele não tinha tempo nem energia.

Em vez disso, baseou seu sucesso na administração e na construção de imóveis, empreendimentos comerciais diversificados e numa carteira de investimentos em expansão, meios em que era respeitado e temido como um empresário agressivo e um mestre das negociações. Para Tony, a felicidade era um sentimento tolo e efêmero, uma brisa passageira se comparada ao perfume de um negócio em potencial e ao gosto viciante da vitória. Como um velho sovina, ele adorava sugar os últimos resquícios de dignidade daqueles ao seu redor, especialmente dos funcionários que suavavam a camisa mais por medo do que por respeito. Como um homem desses poderia receber amor ou compaixão?

Quando sorria, Tony quase podia passar por um homem bonito. A ge-

nética o abençoara com mais de 1,80m de altura e um cabelo que, mesmo aos 40 e tantos anos, não dava sinais de rarear, embora já estivesse ficando grisalho nas têmporas. Obviamente anglo-saxão, ainda assim algo de mestiço e delicado suavizava seus traços, sobretudo naqueles raros momentos em que abandonava sua habitual postura séria, de homem de negócios, e se deixava levar por um riso incontido.

Para os padrões usuais, ele era rico, bem-sucedido e muito bom partido. Um tanto mulherego, exercitava-se o suficiente para manter a forma, ostentando apenas uma barriga pouco proeminente que podia ser encolhida quando necessário. E as mulheres iam e vinham, as mais espertas pulando fora antes que as outras, e todas elas se sentindo péssimas depois da experiência.

Ele havia se casado duas vezes com a mesma mulher. A primeira união, quando ambos tinham apenas 20 e poucos anos, tinha gerado um casal de filhos. A filha, uma jovem revoltada, vivia do outro lado do país, perto da mãe. O garoto era outra história. O casamento terminara em divórcio por incompatibilidade de gênios, um exemplo clássico de indiferença e falta de atenção. Em poucos anos, Tony tinha conseguido deixar em frangalhos a autoestima de Loree.

O problema foi que, da primeira vez, ela saíra de casa com a cabeça erigida, o que não poderia significar uma vitória de verdade. Então, depois de passar os dois anos seguintes tentando reconquistá-la, Tony organizou uma magnífica cerimônia de segundo casamento, para duas semanas depois voltar a lhe apresentar os papéis de divórcio. Há quem diga que os papéis tinham sido preparados antes mesmo de os dois selarem de novo os votos em cartório. Mas, dessa vez, quando ela o atacou com toda a fúria de uma mulher desprezada, ele a esmagou financeira, legal e psicologicamente. Isso, sim, poderia ter sido considerado uma vitória. Tudo não passou de um jogo cruel, mas apenas para ele.

O preço que Tony pagou foi perder a filha no processo, algo que voltava a atormentá-lo sempre que ele bebia além da conta. Mas era apenas um pequeno fantasma que ele rapidamente enterrava ocupando-se em trabalhar e vencer. Só o filho deles já seria motivo suficiente para afogar as mágoas no uísque, um remédio sem prescrição que cegava as lâminas cortantes da memória e do arrependimento e amenizava as terríveis enxaquecas que, vez por outra, teimavam em lhe fazer companhia.

Se a liberdade é um processo gradativo, o mesmo vale para o mal. Com o tempo, pequenas deturpações da verdade e justificativas aparentemente sem importância erguem um edifício inesperado. Isso se aplica a um Hitler, a um Stalin ou a pessoas comuns. A casa da alma é magnífica, porém frágil. Qualquer traição ou mentira que se agarre a suas paredes ou seus alicerces pode fazê-la crescer em direções inimagináveis.

O mistério de cada alma humana, até mesmo da de Anthony Spencer, é profundo. Seu nascimento desencadeou uma explosão de vida, um universo interno em expansão, formando seu próprio sistema solar e galáxias, com uma simetria e uma elegância inconcebíveis. Em algum momento do caminho, no entanto, a dor e a frustração chegaram com força esmagadora, abalando a delicada ordem desse arranjo complexo, que começou a desmoronar sob seu próprio peso. Essa deterioração veio à tona na forma de um medo autoprotetor, de uma ambição egoísta e do endurecimento de qualquer tipo de ternura. O que antes era um órgão vivo, um coração de carne, se transformou em pedra; uma pequena rocha que vivia no casulo oco daquele corpo. Antes, a aparência externa era um reflexo do encanto e do esplendor internos. Agora, não passava de uma fachada em busca de um coração que devia encontrar seu caminho sem auxílio algum, um astro moribundo, faminto dentro de seu próprio vazio.

A dor, a frustração e, por fim, o abandono são fatores cruéis, mas juntos eles se tornam uma desolação quase insuportável. Esses sentimentos tornaram-se um arsenal na existência de Tony, fazendo-o esconder facas dentro das palavras, erguer muros para proteger-se de qualquer aproximação, e aprisionando-o numa ilusão de segurança, quando na verdade estava isolado e solitário. Restava pouca música verdadeira na vida de Tony; apenas resquícios de criatividade quase inaudíveis. A trilha sonora de sua sobrevivência não passava de música de elevador, melodias insossas que acompanhavam o ritmo da subida.

As pessoas que o reconheciam na rua meneavam a cabeça para cumprimentá-lo, os mais sensíveis cuspiendo com desdém na calçada, depois que ele passava. Mas muitos se sentiam atraídos por ele; puxa-sacos e bajuladores que aguardavam suas próximas ordens, loucos para conquistar uma migalha de aprovação ou do que imaginavam ser afeto. Sempre existem aqueles que aproveitam a onda de um suposto sucesso por necessidade de

garantir sua própria importância, identidade e intenções. A percepção faz a realidade, mesmo que essa percepção seja uma mentira.

Tony possuía uma mansão em West Hills e, a não ser que tivesse organizado algum evento em benefício próprio, mantinha apenas uma pequena parte dela aquecida. Embora raramente ficasse lá, gostava de pensar na propriedade como um monumento à derrota de sua esposa. Loree tinha ficado com a casa como parte do primeiro acordo de divórcio dos dois, mas precisou vendê-la para pagar as exorbitantes despesas legais referentes ao segundo. Com a ajuda de alguns comparsas, ele a comprou de volta por uma mixaria, chegando a chamar a polícia para retirar sua perplexa esposa da propriedade no dia em que foi sacramentada a venda.

Ele tornou a se inclinar para a frente, desligou o computador e, apanhando seu uísque, girou a cadeira para encarar uma lista de nomes que tinha escrito num quadro branco. Levantou-se, apagou quatro nomes e acrescentou um. Então deixou-se cair na cadeira, seus dedos tamborilando no tampo da mesa. Hoje, seu humor estava pior do que o normal. Compromissos profissionais haviam exigido que ele participasse em Boston de uma conferência que não lhe despertava o menor interesse. Em seguida, uma pequena crise no setor de recursos humanos fez com que precisasse voltar um dia antes do esperado. Por mais aborrecido que fosse ter que lidar com uma situação que poderia muito bem ser resolvida por seus subordinados, ele ficou grato por ter uma desculpa para abandonar os seminários quase insuportáveis e voltar à ligeiramente tolerável rotina que controlava melhor.

Mas algo havia mudado. O que antes era uma leve inquietação acabou se transformando em uma voz consciente. Fazia algumas semanas que Tony tinha a sensação incômoda de estar sendo seguido. A princípio, achou que fosse apenas efeito do estresse, delírios de uma mente sobrecarregada de trabalho. Mas, uma vez plantada, a ideia encontrara solo fértil – e o que começou como uma semente facilmente descartada por uma reflexão mais atenta criou raízes que logo se expressaram na forma de uma hipervigilância nervosa, que sugava ainda mais energia de uma mente em constante estado de alerta.

Ele começou a notar detalhes em acontecimentos sem importância, que isoladamente não o fariam sequer pensar duas vezes. Mas, juntos, foram se tornando um coro de alerta em sua consciência. A caminhonete que às ve-

zes parecia segui-lo no percurso para o escritório, o frentista que por alguns minutos esquecia de lhe devolver seu cartão de crédito, a empresa de alarmes que o notificou das três quedas de energia que pareciam ter afetado apenas sua casa, ao passo que as de seus vizinhos continuavam incólumes, cada apagão durando exatamente 22 minutos, durante três dias consecutivos. Tony começou a prestar mais atenção em discrepâncias triviais e até na maneira como as outras pessoas olhavam para ele – o barman do Stumptown Coffee, o segurança da entrada principal, até os funcionários que ocupavam as mesas no trabalho. Tony notava como essas pessoas desviavam o olhar quando ele se virava na direção delas, mudando rapidamente sua linguagem corporal para fingir que estavam ocupadas ou cuidando de outro assunto.

Havia uma semelhança inquietante nas reações dessas diferentes pessoas, como se fosse um complô. Como se partilhassem um segredo ao qual ele não podia ter acesso. Quanto mais observava, mais clara se tornava essa impressão, o que o fazia ficar ainda mais vigilante. Sempre tinha sido um pouco paranoico, mas agora considerava constantemente a hipótese de uma conspiração, o que o deixava agitado e nervoso.

Tony mantinha um escritório particular completo, com quarto, cozinha e banheiro, numa localidade que até mesmo seu advogado pessoal desconhecia. Era seu refúgio às margens do rio, nos arredores da Macadam Avenue, para as ocasiões em que queria simplesmente desaparecer por algumas horas ou passar a noite incomunicável.

A casa maior que continha esse pequeno esconderijo também era sua, mas havia anos que o título de propriedade tinha sido transferido para uma empresa-fantasma. Nessa mesma época, ele reformara parte do porão, equipando-o com a mais avançada tecnologia de segurança e vigilância. Além dos empreiteiros originais, que tinham sido contratados pessoalmente, ninguém jamais vira aquela parte da casa. Sua existência não constava nem mesmo da planta da propriedade, graças a subornos aos construtores e generosas doações aos mandachuvas do governo municipal. Quando a senha correta era digitada no que parecia o teclado de uma caixa telefônica enferrujada nos fundos de um quarto de zelador sem uso, uma parede deslizava para o lado, revelando uma porta corta-fogo de aço e um moderno sistema de controle de entrada, com câmera e teclado.

O lugar era alimentado por uma rede de energia e internet separada do

restante do complexo. Além disso, se seu software de monitoramento de segurança detectasse qualquer tentativa de rastrear o local, desligaria e bloquearia o sistema até que ele fosse reiniciado por meio de uma nova senha gerada automaticamente. Isso só poderia ser feito de dois locais: de sua mesa no escritório do centro da cidade, ou de dentro da própria câmara secreta. Tony tinha o hábito de, antes de entrar, desligar seu celular e remover a bateria. Uma linha fixa não cadastrada na lista telefônica podia ser ativada se houvesse necessidade.

O ambiente era despojado. A mobília e a decoração eram simples, quase espartanas. Ninguém jamais veria aquele lugar, de modo que tudo naqueles cômodos significava algo para ele. Livros que cobriam as paredes, muitos dos quais ele nunca havia chegado a abrir, tinham pertencido ao seu pai. Outros, em especial os clássicos, sua mãe costumava ler para ele e seu irmão. As obras de C. S. Lewis e George MacDonald estavam entre as mais importantes, suas favoritas quando criança. Uma das primeiras edições de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, encontrava-se em local de destaque, acessível apenas a seus olhos. Em uma das extremidades da estante, havia diversos livros de negócios, lidos com atenção e marcados do começo ao fim, um verdadeiro arsenal de mentores. Havia também gravuras de Escher e Doolittle penduradas aleatoriamente nas paredes, e uma vitrola em um dos cantos. Ele mantinha uma coleção de discos de vinil cujos arranjos eram como lembranças reconfortantes de tempos passados.

Ali também ele guardava seus objetos e documentos mais importantes: escrituras, títulos e, acima de tudo, seu testamento oficial. Tony o revisava e modificava com frequência, acrescentado ou eliminando pessoas à medida que elas passavam por sua vida e o irritavam ou agradavam com suas atitudes. Imaginava o impacto que teria nos interessados em sua riqueza receber ou não alguma herança quando ele partisse desta para melhor.

Seu advogado pessoal, ao contrário de seu consultor jurídico geral, possuía a chave de um cofre na agência principal do banco Wells Fargo, no centro da cidade. Esse cofre só poderia ser aberto de posse do seu atestado de óbito. Dentro, havia informações que revelavam a localização do apartamento e escritório particulares, de como ter acesso aos mesmos e onde encontrar as senhas para abrir o cofre oculto, enterrado na fundação da casa. Caso alguém tentasse chegar ao cofre sem um atestado de óbito,

o banco deveria notificar Tony imediatamente, e, como já alertara seu advogado, se isso um dia acontecesse, o vínculo profissional entre eles seria interrompido na mesma hora, assim como os generosos honorários pagos, sem falta, todo primeiro dia útil de cada mês.

Tony mantinha uma cópia mais antiga de seu testamento no cofre do escritório. Certos sócios e colegas tinham acesso a esse documento por motivos profissionais, e ele esperava secretamente que a curiosidade vencesse alguns deles, imaginando o prazer que sentiriam ao conhecer seu conteúdo, seguido da tremenda decepção ao ler seu testamento de verdade.

Todos sabiam que Tony era dono e administrador da propriedade contígua ao prédio onde estava seu esconderijo. Tratava-se de uma construção semelhante, com vitrines de lojas no térreo e apartamentos residenciais nos andares de cima. Os dois prédios compartilhavam um estacionamento subterrâneo, com câmeras posicionadas aparentemente para cobrir toda a área, mas que na verdade não alcançavam um corredor que se podia atravessar despercebido. Assim, Tony era capaz de chegar ao seu refúgio secreto sem ser notado.

Para justificar sua presença constante naquelas bandas da cidade, ele comprou um apartamento de dois quartos no primeiro piso do prédio ao lado do seu escritório secreto. Era todo equipado e bem dividido, uma fachada perfeita, e ele passava mais noites ali do que em sua mansão em West Hills ou em sua casa de praia perto de Depoe Bay.

Tony havia cronometrado o tempo que levava para andar de um apartamento ao outro através da garagem, e sabia que poderia estar isolado em seu santuário especial em menos de três minutos, observando a área útil de seu apartamento através de uma videotransmissão gravável. A extensiva aparelhagem eletrônica era mais para fins de proteção do que de vigilância. Não havia colocado propositalmente câmeras nos quartos nem nos banheiros, sabendo que outras pessoas ocupariam o imóvel quando ele não o estivesse usando. Tony tinha várias características desagradáveis, mas o voyeurismo não era uma delas.

Qualquer um que reconhecesse seu carro na garagem apenas suporia (geralmente de forma correta) que ele tinha vindo passar a noite em seu apartamento. Tony se tornara uma figura rotineira ali, e sua presença ou ausência não chamava atenção, tal como ele queria. Mesmo assim, em seu

estado de alta ansiedade, ele vinha sendo mais cauteloso do que o normal. Mudava ligeiramente seus hábitos para descobrir se alguém o estava seguindo, mas não a ponto de levantar suspeitas.

Tony não podia imaginar o motivo pelo qual alguém iria segui-lo. Ele cortara quase todos os vínculos bruscamente, e talvez fosse essa a raiz do problema. *Só pode ser por dinheiro*, ele supunha. Não era sempre assim? Talvez sua ex-mulher? Talvez seus sócios ou um concorrente estivessem preparando um golpe para tomar sua parte na empresa? Tony passava horas, dias, analisando dados financeiros de cada transação passada e presente, de cada fusão e aquisição, buscando algo fora do comum, sem encontrar nada. Então mergulhou fundo nos processos operacionais das diversas participações da empresa, novamente buscando... o quê? Algo estranho, alguma pista que pudesse explicar o que estava acontecendo. Chegou a descobrir algumas irregularidades, mas, quando as apresentou sutilmente como problemas para seus sócios, elas foram corrigidas de imediato, ou explicadas de modo consistente com os procedimentos operacionais que ele mesmo havia desenvolvido.

Apesar da crise econômica, os negócios iam bem. O próprio Tony era quem havia convencido seus sócios a manterem uma base sólida de ativos realizáveis a curto prazo, e agora eles estavam comprando cautelosamente propriedades e diversificando seus empreendimentos a preços acima dos valores de liquidação. Atualmente, ele era o herói da empresa, mas isso não lhe trazia paz de espírito. Qualquer trégua estava fadada a durar pouco, e cada sucesso apenas aumentava as expectativas quanto ao seu desempenho. Era uma maneira extenuante de viver, mas ele resistia às alternativas por considerá-las irresponsáveis.

Passava cada vez menos tempo no escritório principal. De todo modo, as pessoas procuravam evitá-lo porque sua paranoia crescente o tornava muito irritadiço, e as menores falhas o tiravam do sério. Até seus sócios preferiam afastar-se, e quando as luzes do seu escritório estavam apagadas todos suspiravam aliviados e trabalhavam com mais afinco e de forma mais criativa e concentrada.

Mas era no seu espaço privado, em sua folga momentânea, que seus medos vinham à tona, aumentando a sensação de ser um alvo, objeto da atenção de algo ou de alguém indesejável e importuno. Para piorar, suas

dores de cabeça tinham voltado com toda a intensidade. As enxaquecas eram geralmente precedidas por perda temporária da visão, seguida de fala arrastada e dificuldade para completar as frases. Hipersensível à luz e ao som, ele avisava sua assistente antes de se esgueirar para a escuridão do apartamento. Armado de analgésicos, dormia até a sua cabeça doer apenas quando ria ou a balançava. Convenceu-se de que o uísque ajudava na recuperação, mas qualquer pretexto era motivo para servir-se de outro drinque.

Mas por que agora? Após meses sem nenhuma dor, as crises voltaram a atormentá-lo quase que a cada semana. Começou a prestar atenção no que consumia, preocupado com a possibilidade de alguém estar tentando envenenar sua comida ou bebida. Sentia-se cada vez mais cansado, e apesar de dormir com a ajuda de remédios controlados, continuava exausto. Por fim, marcou uma consulta com seu médico, mas teve que desmarcá-la por causa de uma reunião convocada para sanar problemas relacionados a uma aquisição importante que não estava indo conforme o planejado. Remarcou a consulta para duas semanas depois.

Quando a incerteza se sobrepõe à rotina, você começa a pensar no que realmente importa e por quê. De modo geral, Tony não estava insatisfeito com sua vida. Era mais bem-sucedido que a maioria, o que não era nada mal para uma criança adotiva que o sistema havia deixado na mão e que, a partir de um certo momento, decidira parar de lamentar-se. Tinha cometido erros e magoado pessoas, mas quem nunca fez isso? Estava sozinho, mas a maior parte do tempo preferia que fosse assim. Tinha uma mansão em West Hills, uma casa de praia em Depoe Bay, um apartamento às margens do Willamette River, investimentos sólidos e a liberdade de fazer quase tudo o que quisesse. Era um solitário, mas a maior parte do tempo preferia ser assim. Alcançara quase todos os objetivos a que se propusera, e agora, na casa dos 40, convivia com uma sensação sinistra de vazio e com arrependimentos que o fustigavam insistentemente. Ele se apressava a enterrá-los bem fundo, naquela câmara invisível que os seres humanos criam para se protegerem de si mesmos. Claro que estava sozinho, mas a maior parte do tempo...

Assim que aterrissou em Portland vindo de Boston, Tony seguiu direto para o escritório principal e começou uma discussão particularmente acalorada com dois de seus sócios. Foi naquele momento que teve a ideia de

criar uma lista das pessoas em quem confiava. Não das pessoas nas quais *dizia* confiar, mas daquelas em quem confiava de fato. Aquelas às quais poderia contar segredos, expor suas fragilidades e dividir seus sonhos. Enclausurou-se em seu escritório secreto, apanhou uma garrafa de uísque e começou a anotar e apagar nomes em um quadro branco. A lista não era longa e incluía sócios, alguns de seus funcionários, duas ou três pessoas de fora do trabalho e mais umas poucas que havia conhecido em suas viagens. Mas, depois de uma hora de reflexão, esse número havia sido reduzido a seis. Ele se recostou e balançou a cabeça. Aquilo se tornara um exercício vão. As únicas pessoas em quem de fato confiava estavam todas mortas.

Seu pai e sua mãe estavam no topo da lista. Racionalmente, ele sabia que boa parte das lembranças que tinha deles era idealizada pelo tempo e pelo trauma. As características negativas dos pais haviam sido apagadas pela saudade que sentia dos dois. Guardava como um tesouro aquela fotografia desbotada, a última tirada antes de um adolescente irresponsável perder o controle do carro e transformar glória em escombros. Tony abriu o cofre e a pegou lá de dentro, agora protegida por uma folha de papel laminado. Tentou alisar os vincos, como se seus pais pudessem de alguma forma sentir a carícia. Seu pai pedira a um estranho que batesse a foto da família em frente à já extinta sorveteria Farrell's Ice Cream. Ele, um rapaz desengonçado de 11 anos, atrás de seu irmão caçula, Jacob, então com 7. Os quatro estavam rindo de algo, o rosto de sua mãe voltado para cima, com a alegria estampada nos belos traços, seu pai com um sorriso sarcástico, que era o melhor que ele podia fazer. Tony se lembrava com clareza do sorriso do pai. As poucas emoções que aquele engenheiro externava tornavam-se muito significativas quando se estampavam em seu rosto. Tony tentava se lembrar do que os fizera rir, olhando longamente a foto como se ela pudesse revelar o segredo. Porém, por mais que se esforçasse, a resposta estava fora do seu alcance, provocativa e enlouquecedora.

O próximo nome da lista era Madre Teresa, seguido imediatamente por Mahatma Gandhi e Martin Luther King. Todos excepcionais, todos idealizados, todos muito humanos, vulneráveis, maravilhosos e, agora, mortos. Ele pegou um bloquinho e anotou os nomes, depois arrancou a folha solitária e ficou brincando com ela entre o polegar e o indicador da mão direita. Por que havia escrito aqueles nomes? A lista final tinha sido feita

quase sem pensar, talvez como um reflexo de uma essência muito profunda e, quem sabe, até real, talvez mesmo como um *anseio*. Ele ao mesmo tempo detestava essa palavra e gostava dela. Parecia frágil à primeira vista, mas tinha um poder de permanência, durando mais tempo que a maioria das outras coisas que tinham ido e vindo em sua vida. Esses três personagens representavam, juntamente com o último nome da lista, algo maior do que ele próprio, o vestígio de uma canção que nunca fora cantada, mas que continuava a chamá-lo, a possibilidade de alguém que ele poderia ter sido, um convite, um *desejo*.

O último nome era o mais difícil e, ao mesmo tempo, o mais fácil: Jesus. Jesus, o presente de Belém para o mundo, o carpinteiro que supostamente era Deus unindo-se à nossa humanidade, que talvez não estivesse morto, segundo as crenças religiosas. Tony sabia por que colocara Jesus na lista. O nome estava relacionado às lembranças mais fortes que tinha de sua mãe. Ela adorava esse carpinteiro e tudo o que estivesse ligado a ele. Seu pai também amava Jesus, é claro, mas não como sua mãe. O último presente que ela havia lhe dado estava dentro do cofre, na fundação do prédio que abrigava seu esconderijo, e era a coisa mais preciosa que ele possuía.

Menos de dois dias antes de ser arrancada de forma brutal de sua vida, ela fora inexplicavelmente ao seu quarto. A lembrança estava gravada bem fundo na alma de Tony. Ele tinha 11 anos, estava fazendo o dever de casa, quando ela surgiu, recostada à porta, uma mulher franzina com um avental florido. Uma de suas bochechas estava suja de farinha, e ela afastara a mecha de cabelo que se soltara do nó que o prendia em cima. Foi por causa da farinha que Tony soube que ela tinha chorado, as lágrimas deixando um rastro irregular ao longo do seu rosto.

– Tudo bem, mãe? O que foi? – perguntou ele, erguendo os olhos de seus livros.

– Ah – ela exclamou, limpando o rosto com as costas das mãos cerradas –, não foi nada. Você me conhece, às vezes começo a pensar nas coisas pelas quais me sinto tão grata, como você e seu irmão, e fico toda emotiva. – Ela se deteve. – Não sei por quê, meu amor, mas estava pensando em como você está crescendo... daqui a pouco será um adolescente e logo entrará para a faculdade, depois se casará... Enquanto pensava nisso tudo, sabe o que senti? – Ela se interrompeu novamente. – Senti alegria, como se meu coração esti-

vesse prestes a explodir no peito. Tony, eu agradeço tanto a Deus por você. Então decidi fazer sua sobremesa preferida, o bolo de amoras-silvestres e rolinhos de caramelo. Mas enquanto estava parada ali na cozinha, olhando pela janela e para tudo o que nos foi dado, todos os presentes que recebemos, e especialmente você e Jake, de repente quis lhe dar algo mais, algo que fosse muito valioso para mim.

Foi então que Tony notou sua mão cerrada. Aquela mulher que, mesmo àquela altura da vida, era mais baixa do que ele, estava segurando algo que cabia dentro de seu pequeno punho. A mãe estendeu a mão e a abriu devagar, deixando ver uma corrente suja de farinha com uma cruz dourada na ponta, frágil e feminina.

– Tome – disse, estendendo-a. – Quero que fique com isto. Sua avó me deu, como a mãe dela lhe dera antes. Achei que um dia fosse entregá-la a uma filha, mas não acho que vai ser possível. Não sei por quê, mas, enquanto pensava em você e rezava por nossa família, senti que hoje era o dia certo para lhe dar esta corrente.

Sem saber bem o que fazer, Tony abriu a mão para que a mãe depositasse nela a corrente delicadamente entrelaçada, enfeitada com a pequena cruz de ouro.

– Um dia, quero que você dê esta corrente para a mulher que amar, e quero que lhe diga de onde veio – explicou ela enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Mas, mãe, você mesma pode dar a ela.

– Não, Anthony, estou convicta disso. Não entendo bem por quê, mas é você quem deve dá-la, não eu. Não me entenda mal, eu pretendo estar presente, mas, como minha mãe me deu esta corrente, eu agora a dou a você, para que você a passe adiante.

– Mas como vou saber...

– Você saberá – ela interrompeu. – Acredite, saberá sim! – Ela o envolveu em seus braços e o abraçou longamente, sem se preocupar se iria sujá-lo de farinha. Ele também não se importava. Sem compreender direito o sentido daquilo, Tony sabia que era importante.

– Abrace Jesus, Anthony. Nada de mal poderá lhe acontecer se você se abraçar a Jesus. E pode ter certeza de uma coisa... – disse ela, recuando para olhar dentro de seus olhos. – Ele nunca deixará de abraçar você.

Dois dias depois, ela partiu, destruída pela escolha egoísta de um garoto pouco mais velho do que ele. A corrente continuava no cofre. Ele nunca a passara adiante. Será que ela pressentia o que estava prestes a acontecer? Muitas vezes ele se perguntava se teria sido uma premonição, algum alerta ou uma inspiração divina para que ele tivesse uma lembrança dela. A perda da mãe havia destruído sua vida, conduzindo-a numa direção que o tornara quem ele era hoje: um homem forte, duro, capaz de suportar coisas que outros não conseguiam. Mas havia momentos, passageiros e intangíveis, em que aquele anseio cheio de ternura se infiltrava por entre as rochas da sua fachada e cantava para ele, ou pelo menos começava a cantar, já que ele rapidamente bloqueava a melodia, afastando-a para longe.

Será que Jesus continuava a abraçá-lo? Tony não sabia, mas achava que não. Ele não era muito parecido com a mãe, mas, por causa dela, havia lido a Bíblia, assim como alguns de seus livros favoritos, tentando encontrar nas páginas de Lewis, MacDonald, Williams e Tolkien algum resquício de sua presença. Chegou até a fazer parte, por um curto período, do grupo de jovens cristãos da escola secundária, onde tentou aprender mais sobre Jesus, porém o sistema de adoção em que ele e seu irmão foram parar os obrigava a trocar de lar e de escola a todo momento. Quando dizer adeus às pessoas que você acabou de conhecer é só uma questão de tempo, entrar para clubes e sociedades se torna doloroso. Ele sentia que Jesus tinha simplesmente lhe dado adeus, como todos os outros.

Então, o fato de ter mantido Jesus na lista era um tanto surpreendente. Quase não pensava mais nele. Na faculdade, havia retomado brevemente sua busca por Jesus, mas, depois de um semestre de debates e estudos, o havia relegado à lista de grandes professores mortos.

Mesmo assim, entendia por que sua mãe tinha tamanha paixão por ele. Como não gostar de Jesus? Um homem másculo, mas doce com as crianças; bondoso com aqueles que a religião e a cultura julgavam inaceitáveis; cheio de uma compaixão contagiante; capaz de desafiar o sistema vigente e, ainda assim, amar os próprios inimigos. Ele era tudo o que Tony às vezes desejava ser, mas sabia que não era. Talvez Jesus fosse um exemplo daquele tipo de vida dedicada a algo maior do que você mesmo, mas era tarde demais para mudar. Quanto mais Tony envelhecia, mais a ideia de uma transformação lhe parecia distante.

E era toda essa coisa de Deus que ele não conseguia entender, especialmente no que dizia respeito a Jesus. Fazia tempo que Tony havia decidido que, se existisse um Deus, ele, ela, ou seja lá o que fosse, era algo ou alguém terrível e maléfico, caprichoso e indigno de confiança, na melhor das hipóteses alguma espécie de matéria escura, fria, impessoal e insensível, e, na pior delas, um monstro que sentia prazer em esmagar o coração das crianças.

– Tudo não passa de ilusão – murmurou ele enquanto amassava o papel e o atirava, indignado, na lata de lixo do outro lado da sala.

Não se podia confiar em pessoas vivas. Pegando uma nova garrafa de uísque, ele se serviu de uma dose tripla e voltou-se em direção ao computador, tornando a ligá-lo.

Abriu seu testamento oficial e passou a hora seguinte expressando sua desconfiança e antipatia ao realizar uma revisão pesada do conteúdo e imprimir uma nova cópia, que assinou, datou e guardou junto com a antiga numa pilha de outras versões já no cofre, acionando e reiniciando os alarmes e apagando as luzes da mesa. Enquanto ficava sentado no escuro, pensando na vida e em quem poderia estar seguindo-o, não sabia que estava bebendo seu último uísque.

2

DO PÓ AO PÓ

*Deus age de forma misteriosa,
ao executar seus milagres.
Ele deixa suas pegadas no mar
e cavalga a tempestade.*

– William Cooper

A manhã irrompeu com violência pela janela sem cortinas. A forte luz do sol, misturada aos resquícios do uísque, fez sua cabeça latejar, trazendo uma enxaqueca matinal para estragar o dia. Mas desta vez era diferente. Tony não só não conseguia se lembrar de como tinha voltado ao seu apartamento, como estava dominado por uma dor que não se parecia com qualquer outra que tivesse sentido antes. O fato de ter se esparramado e desmaiado no sofá numa posição estranha talvez pudesse explicar a rigidez em seu pescoço e ombros, mas nada em sua memória se comparava àquele latejar incisivo, como se alguém tivesse desencadeado uma série incontrollável de trovões dentro de sua cabeça. Algo estava muito errado!

Um enjoo repentino o fez correr até o banheiro, mas não conseguiu chegar antes de expelir tudo o que restara em seu estômago da noite anterior. O esforço só piorou a dor excruciante. Tony sentiu um medo primitivo, aprisionado há tempos por pura e obstinada força de vontade, mas que agora se livrava de seus grilhões como uma fera, alimentando-se da incerteza crescente. Combatendo o terror debilitante, ele saiu mancando pela porta do apartamento, pressionando com força as orelhas com as mãos, como se isso fosse impedir sua cabeça de explodir. Apoiou-se na parede do corre-

dor, procurando como um louco por seu smartphone. Depois de revirar os bolsos, encontrou apenas um molho de chaves. Foi então invadido, súbita e irremediavelmente, por uma terrível sensação de vazio, de isolamento. Seu suposto salvador, o fornecedor eletrônico de todas as coisas imediatas porém efêmeras, tinha desaparecido.

Passou-lhe pela cabeça que seu celular talvez estivesse no bolso do paletó, pendurado nas costas da cadeira da cozinha, mas a porta do apartamento se trancara automaticamente depois de ele sair. Um de seus olhos não estava enxergando direito, então ele estreitou o outro para ver um teclado embaçado, tentando recordar a senha que o permitiria entrar de volta, mas os números se embaralhavam e nenhum deles fazia sentido. Fechou os olhos e tentou se concentrar, o coração acelerado, a cabeça pegando fogo, enquanto um desespero crescente tomava conta dele. Tony caiu em um pranto descontrolado, o que o enfureceu, e – entrando em pânico e xingando sem parar – começou a teclar números aleatoriamente, desesperado por um milagre. Uma escuridão repentina o fez cair de joelhos e bater com a cabeça na porta, o que só serviu para exacerbar a dor. Sangue escorreu pelo seu rosto, brotando de um talho resultante do choque com o batente.

A confusão e a agonia de Tony aumentaram até deixá-lo totalmente desorientado, encarando um teclado eletrônico desconhecido e segurando em uma das mãos um molho de chaves estranhas. Talvez um de seus carros estivesse por perto? Cambaleando por um corredor curto, ele desceu um lance acarpetado de escadas e chegou a uma garagem. E agora? Apertando todos os botões do chaveiro, foi recompensado pelo piscar de luzes de um sedã cinza a menos de 10 metros. Outra onda de escuridão fez com que perdesse o equilíbrio, levando-o mais uma vez ao chão. De quatro, ele engatinhou freneticamente em direção ao carro, como se sua vida dependesse disso. Por fim, chegou até o porta-malas, ergueu o próprio corpo, manteve-se firme por alguns instantes enquanto o mundo girava, e desabou mais uma vez, engolfado numa escuridão nada reconfortante. Tudo o que doía e clamava desesperadamente pela sua atenção desapareceu.

Se alguém tivesse testemunhado sua queda, talvez a comparasse a um saco de batatas caindo da traseira de um caminhão em movimento, ao vê-lo amontoar-se no chão como se não houvesse um só osso em seu corpo, como se fosse um peso morto puxado pela gravidade. A parte de trás de

sua cabeça chocou-se com força contra o topo do porta-malas; o impulso o fez girar em direção ao chão de concreto, onde sua cabeça quicou uma segunda vez com um baque repulsivo. Sangue escorria por um dos ouvidos e empoçava no solo. Durante quase 10 minutos ficou caído na garagem subterrânea mal-iluminada, até que uma mulher que passava por ali procurando pelas chaves do carro na bolsa tropeçou em sua perna. Seu grito reverberou nas paredes de concreto, mas ninguém o ouviu. Tremendo visivelmente, ela telefonou para a Emergência.

A atendente, sentada diante de uma série de monitores, atendeu à chamada às 8h41.

– Central de emergências. Qual o local da ocorrência?

– Oh, meu Deus! Ele está sangrando por todo lado! Acho que está morto... – A mulher estava histérica, prestes a entrar em choque.

Treinada para esse tipo de situação, a atendente falou mais devagar.

– Senhora, preciso que se acalme. Preciso que me diga onde está para que eu possa enviar ajuda.

Enquanto ouvia, ela usou outra linha para notificar ao departamento de bombeiros de Portland a emergência hospitalar solicitada.

– Senhora, pode me dizer onde está e o que está vendo? – perguntou, trocando de linha e transmitindo as informações que recebia. A resposta veio prontamente:

– Ambulância 333 na escuta. Entendido, estamos a caminho.

A atendente voltou a comunicar-se:

– Está tudo bem, senhora, acalme-se e respire fundo. O socorro deve chegar a qualquer momento. Quero que se afaste e espere a chegada da equipe... Continuarei na linha com a senhora até o socorro chegar. A senhora se saiu muito bem!

Os bombeiros chegaram primeiro e, assim que localizaram Tony, fizeram uma avaliação preliminar antes de darem início aos procedimentos médicos para estabilizá-lo, enquanto um dos membros da equipe acalmava e entrevistava a testemunha. A ambulância chegou poucos minutos depois.

– Oi, pessoal, o que temos aqui? Em que posso ajudar? – perguntou o paramédico.

– Um homem de 40 e poucos anos. Aquela senhora o encontrou caído no chão ao lado do próprio carro. Ele vomitou e está cheirando a álcool.

Tem um talho grande na cabeça, cortes no rosto e não está reagindo. Imobilizamos com um colar cervical e colocamos uma máscara de oxigênio.

– Já verificaram os sinais vitais?

– Pressão arterial 26 por 14, frequência cardíaca 56. Frequência respiratória de 12, mas irregular. A pupila direita está totalmente dilatada e ele está sangrando pelo ouvido direito.

– Parece um traumatismo craniano grave, não?

– É o que estou achando.

– Ok, vamos colocá-lo na maca.

Manuseando-o com cuidado, colocaram Tony numa prancha de transferência. A equipe de bombeiros o amarrou enquanto o paramédico aplicava um cateter intravenoso.

– Ele continua sem responder e com a respiração irregular – comentou o médico dos bombeiros. – Não seria melhor entubá-lo?

– Boa ideia, vamos fazer isso na ambulância.

– O hospital universitário tem vagas – gritou o motorista.

Colocaram Tony numa maca e o levaram rapidamente para dentro da ambulância, enquanto o motorista telefonava para o hospital.

Os sinais vitais de Tony despencaram e ele teve uma espécie de parada cardíaca. Uma série de procedimentos fez seu coração voltar a bater. O hospital foi contatado, as informações, transmitidas, e com as sirenes ligadas, saíram da garagem. Levaram menos de cinco minutos para subir a colina sinuosa até o hospital universitário. Enquanto a maca de Tony era empurrada em direção à sala de reanimação, onde era feita a triagem dos pacientes com lesões graves, uma multidão de médicos, enfermeiros e residentes deu início a um caos ordenado, uma dança complexa em que cada um conhecia seu papel e contava com a participação dos demais.

Uma tomografia computadorizada inicial e uma angiografia revelaram uma hemorragia subaracnoidea, assim como um tumor cerebral localizado no lobo frontal. Horas depois, Tony foi finalmente internado no quarto 17 da UTI Neurológica. Ligado a tubos e equipamentos médicos que o alimentavam e o mantinham respirando, ele ignorava totalmente ser o centro de tanta atenção.

Tony tinha a sensação de estar sendo puxado para cima, como se fosse atraído de forma irresistível em direção a um campo gravitacional suave, porém insistente. A sensação era de ser acolhido no colo materno, e ele não ofereceu resistência. Tinha uma vaga lembrança de ter entrado em uma luta que o deixara exausto, mas agora o conflito parecia desaparecer.

Enquanto subia, teve o pressentimento de que estava morrendo, e a ideia fixou-se sem nenhuma dificuldade em sua mente. No seu íntimo, tentou se preparar, como se pudesse ter forças para resistir a ser absorvido pelo... quê? Pelo nada? Estaria ele se fundindo àquele tal espírito impessoal e onipresente?

Não. Decidira havia tempos que a morte era um simples fim, o término de qualquer tipo de consciência, o pó voltando implacavelmente ao pó.

Essa filosofia alimentara seu egocentrismo. Ele se sentia justificado por cuidar da própria pele, controlando não só sua vida, mas também a dos outros em benefício próprio. Não havia certo e errado, assim como nenhuma verdade absoluta, apenas normas sociais regidas por leis e comportamentos gerados por algum sentimento de culpa. A morte, tal como ele a concebia, significava que nada realmente importava. A vida era um suspiro evolucionário sem sentido, a sobrevivência temporária do mais inteligente ou engenhoso. Dali a mil anos, se a raça humana sobrevivesse, ninguém saberia que ele havia existido nem se importaria com a maneira como levava sua vida.

Enquanto flutuava para cima, levado pela correnteza invisível, sua filosofia começou a lhe parecer um tanto vergonhosa e algo nele resistiu. Começou a recusar-se a aceitar que, quando o pano finalmente caía, nada e ninguém tinha importância, e que tudo se limitava ao caos do egoísmo que lutava por dominação e poder; e que as melhores táticas eram sempre manipuladoras e autocentradas. Mas quais eram as alternativas?

Um belo dia, a esperança por algo mais tinha morrido. Naquela manhã tempestuosa de novembro, ele passara quase um minuto inteiro segurando a primeira pá de terra. Parado na chuva que o vento trazia, ele olhava para o pequeno caixão adornado onde jazia o seu Gabriel. Com apenas cinco anos e quase incapaz de respirar, seu garotinho tinha lutado bravamente para se agarrar a tudo o que havia de belo e bom, para depois ser arrancado da ternura daqueles que mais o amavam.

Tony deixara a terra cair dentro daquele abismo. Os estilhaços do seu coração partido fizeram o mesmo, junto com qualquer vestígio de esperança.

Mas não houve nenhuma lágrima. Houve raiva. Raiva contra Deus, contra a Máquina, até contra a degradação em sua própria alma. Nada havia salvo seu filho. Pedidos, promessas, orações, tudo ricocheteava do céu e voltava vazio em sua direção, zombando de sua impotência. Nada... nada tinha feito diferença enquanto a vida de Gabriel se esvaía.

Com essas lembranças, ele começou a subir mais devagar, até ficar parado na escuridão absoluta, suspenso em um momento de dúvida. Se Gabriel tivesse sobrevivido, será que aquele garotinho tão precioso teria salvo a existência patética de Tony? Três outros rostos lampejaram em sua mente, três pessoas com as quais havia fracassado de forma grave e terrível: Loree, seu amor da adolescência e duas vezes sua esposa; Angela, sua filha, que provavelmente o odiava tanto quanto ele odiava a si mesmo; e Jake... oh, Jake, sinto muito, meu amigo.

Mas de que importava tudo isso? As fantasias e ilusões eram o verdadeiro inimigo. Ficar dizendo a si mesmo “o que teria acontecido se...”, “quem me dera...”, “e se tivesse sido diferente...”, tudo isso era um desperdício de energia e um obstáculo para o sucesso e a gratificação imediata. A própria ideia de que algo pudesse importar era uma mentira, uma ilusão, um falso consolo à medida que você se encaminhava para o cadafalso. Uma vez aniquilado, tudo o que restaria dele seriam as ilusões daqueles que continuariam vivos, guardando lembranças passageiras, efêmeras, boas ou ruins, mas apenas resquícios momentâneos da ilusão de que sua vida tivera importância. É claro que, se nada tinha sentido, a própria ideia de que as fantasias e ilusões eram o inimigo se tornava absurda.

Já que a esperança era um mito, como poderia ser uma inimiga?

Não, a morte era a morte, e ponto final. Mas então, ele refletiu, isso também significava que a própria morte teria sentido. O que era absurdo. Ele descartou essa ideia como ridícula e despropositada, para não ter que aceitar a futilidade de uma vida vazia.

Ele voltou a subir, e então conseguiu ver, muito ao longe, um ponto de luz. À medida que a luz se aproximava, ou que ele se aproximava dela, o ponto ficava maior e mais brilhante. Aquele seria o lugar da sua morte; disso ele tinha certeza. Lera sobre pessoas que morreram e viram uma luz, mas sempre havia pensado que se tratava apenas das últimas descargas dos circuitos neurais. O cérebro tentando se agarrar em vão, avidamente,

a qualquer resquício de pensamento ou memória, numa tentativa desesperada de reter algo tão escorregadio quanto uma gota de mercúrio em uma mão calejada.

Tony se deixou levar. Sentia-se como em um rio invisível, engolido por uma onda antigravitacional que impulsionava sua consciência em direção ao ponto de luz. O brilho aumentou, obrigando-o a virar a cabeça, semi-cerrando os olhos para se proteger da luminosidade que ao mesmo tempo o feria e aquecia. Só então percebeu que estava frio ali. Mas, mesmo com a cabeça virada para o outro lado, algo dentro dele se estendia naquela direção, como se respondesse a um convite inerente àquela luz ofuscante.

De repente, seus pés raspavam contra o que parecia ser um solo rochoso e suas mãos roçaram contra duas paredes, uma de cada lado. Um cheiro de terra e folhas invadiu seus sentidos. Estaria ele enterrado e olhando para cima do fundo de uma cova? Esse pensamento terrível lhe veio à mente e, na mesma hora, brotou um medo que arrancou todo o ar de seus pulmões. Será que já estavam todos reunidos para o seu funeral, sem saberem que na verdade ele continuava vivo?

O pânico foi passageiro. Era o fim e ele estava se desfazendo. Com relutância, entregou-se a esse desfecho, cruzando os braços sobre o peito. A intensidade da luz era tão insuportável que ele foi obrigado a dar as costas a ela. O êxtase era aterrorizante e arrebatador. Ele foi lançado em direção ao fogo voraz e cegado pela...

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br